

<https://doi.org/10.51234/aben.20.e09.c07>

METODOLOGIA HISTÓRICA APLICADA À ENFERMAGEM: REFLEXÕES E CONTRIBUIÇÕES DA INTERDISCIPLINARIDADE

Luciana Barizon Luchesi^I
ORCID: 0000-0002-7282-109X

Fernando Porto^{II}
ORCID: 0000-0002-2880-724X

^IUniversidade de São Paulo (EERP-USP).
Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil

^{II}Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

Autora Correspondente:
Luciana Barizon Luchesi
E-mail: luchesi@eerp.usp.br



Como citar:

Luchesi LBL, Porto F. Metodologia histórica aplicada à Enfermagem: reflexões e contribuições da interdisciplinaridade. In: Peres MAA, Padilha MI, Santos TCF, Almeida Filho AJ, (Orgs.). Potencial interdisciplinar da enfermagem: histórias para refletir sobre o tempo presente. Brasília, DF: Editora ABEn; 2022. p. 71 a 84 <https://doi.org/10.51234/aben.22.e09.c07>

Revisora: Antonio José de Almeida Filho
Universidade Federal do Rio de Janeiro.
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

MÉTODO HISTÓRICO E ASSUNTOS CORRELATOS

Pensar em método histórico conduz a algumas discussões, quando identificamos diversos estudos com a assertiva que se trata de pesquisa histórica na abordagem qualitativa. Para tanto, algumas provocações e reflexões iremos trazer para iniciarmos entendimento melhor em diversos aspectos.

O campo da história é vasto em seus domínios. Nesse sentido, ao menos duas obras evidenciam a sustentação da assertiva. Ambas foram organizadas pelos mesmos autores, Ronaldo Vainfas e Ciro Flamarion Cardoso, intituladas *Domínios da História*⁽¹⁾ e *Novos Domínios da História*: Nelas encontramos os diversos aspectos, como bem citam os autores, sobre as abordagens em campos “não penetrados – ou pouco frequentados”⁽²⁾. Nessa perspectiva, Cardoso e Vainfas apresentam aos leitores as modalidades básicas da epistemologia da história, ordenadas em três, denominadas reconstrucionismo, construcionista e desconstrucionista⁽¹⁻²⁾.

Em síntese, na primeira, por consenso, os historiadores aplicavam regras do método para a geração do conhecimento. Para tanto, eram formados ao longo dos tempos modernos, advindos do século XVII da escola metódica, o que direcionava o olhar empirista centrado no rigor e imparcialidade das fontes disponíveis (textos), segundo os manuais tradicionais de metodologia da história. O construcionismo tratava de posturas heterogêneas, sejam elas marxistas, sejam sob sua influência, na linha de pensamento de Max Weber e os denominados novos historiadores, pela escola do Annales e suas respectivas fases, considerando que o passado deve ser entendido a partir do presente e o desconstrucionismo como processo de desconstrução, submetido a interrogatório retórico, a partir da crítica que pode negar ou contradizer o conteúdo assertivo à construção da narrativa histórica⁽²⁾.

Logo, no presente, isso não significa o fim de uma em detrimento de outra, alguns permanecem em suas posturas epistêmicas, o que entendemos ser salutar, desde que as



críticas sejam fundamentadas não apenas com citações de princípios e generalidades e apoiadas em teóricos, como se eles fossem suficientes para explicar ou sustentar a construção das narrativas. São necessárias novas versões e interpretações argumentativas para que possamos avançar na construção do conhecimento⁽¹⁻²⁾.

Para se ter determinada ideia dos grupos referentes aos aspectos epistêmicos, sugerimos a leitura da coleção *Os historiadores clássicos da história*, volumes I, II e III⁽³⁻⁵⁾ quando os organizadores apresentam, por ordem alfabética, os intérpretes da história com suas respectivas linhas de pensamento e conceitos ou concepções norteadoras de suas investigações, o que não caberia aqui, mesmo que, em síntese, a apresentação devida à quantidade de laudas e por não correremos o risco de digressão da proposta central do capítulo. Seja como for, trata-se de leitura sugestiva para o aprofundamento no entendimento de como e onde eles se posicionam no campo da história. Obra interessante que o campo da história da enfermagem poderia se debruçar para fazer, considerando as nossas antecessoras para chegarmos no ponto em que chegamos⁽¹⁻³⁾.

Ressaltamos que entendemos por método histórico aquele empregado pela historiografia, o que não a reduz à reconstrução dos antecedentes em um determinado problema a ser investigado na vertente da temporalidade de uma determinada variável social pela sua cronologia⁽⁶⁾.

Dessa forma, a partir deste momento, iremos objetar a pena da escrita para o que se encontra nos artigos, dissertações, teses, relatórios sobre a construção do conhecimento histórico e propor reflexões e contribuições no campo metodológico, mesmo nos arriscando em terreno movediço em algumas assertivas que iremos propor.

Isso posto, no caminhar da construção das (re)configurações das narrativas históricas, em diálogo com outras áreas do saber. Pensar nesta perspectiva é considerar a tecedura sociocultural, na tentativa de não alicerçar a criatividade de quem tem a pena, mas estabelecer balizas que possibilitem construções argumentativas para novas versões e interpretações ou até mesmo sustentações tradicionais. Logo, a intenção é propor constructos com menos fragilidades e tensões epistêmicas.

Como temos a oportunidade de ler artigos, capítulos e livros destinados ao seu consumo para aplicação da história da enfermagem, com as respectivas citações para a construção do conhecimento, acreditamos que podemos avançar para além, por exemplo, se publicássemos mais debates historiográficos, resenhas e até mesmo ensaios teóricos. Trata-se de material rico, que os núcleos e laboratórios de pesquisa podem e devem fazer como experimentos para serem aplicados em pesquisa história da enfermagem.

São experimentações valiosas que permitem reflexões aplicadas e, quando equivocadas, nos ensinam os caminhos a não serem seguidos a fim de evitarmos as armadilhas. Inclusive devem ser registradas e publicadas, pois contribuem na construção das narrativas, são fases que otimizam o tempo do pesquisador quando em busca da melhor proposta metodológica a ser aplicada em suas investigações.

Adotar essa linha de pensamento requer ir além das ditas “caixinhas” no processo metodológico, considerando a organização da construção do saber em tipo, locais de busca das fontes, tipificação das fontes, procedimento de análise, referencial teórico, dentre outros aspectos desse tipo encontrados nas seções das investigações acadêmicas da história da enfermagem.

Observamos em diversos artigos, dissertações, teses, que emitimos pareceres, que a pesquisa no campo da história da enfermagem é tratada como abordagem qualitativa. Isso para alguns leitores desavisados induz ao entendimento de que elas são qualitativas, quantitativas e quanti-qualitativas, o que reduz o campo da pesquisa, especialmente para a construção da narrativa histórica.

Nossos argumentos, para tanto, são com base em historiadores tais como José D´Assunção Barros,⁽⁷⁾ Júlio Aróstegui⁽⁶⁾ dentre tantos outros. Assim sendo, cabe, aqui, destacar que nossa intencionalidade não se trata de criar uma metodologia ou método para o campo da história da enfermagem, mas sim ratificamos trazer à baila algumas reflexões para as tipificações dos estudos na enfermagem como histórico. Com base nas leituras e aplicabilidade nas investigações, o método histórico precisa ser visto para além da classificação, que reduz a riqueza que dele requer como habilidade na construção da narrativa. Para tanto, vamos às argumentações, por exemplo, sobre os estudos históricos a serem realizados na abordagem qualitativa.

Para José D'Assunção Barros⁽⁷⁾ a **abordagem** refere-se aos tipos de fontes, tratamento, modos de fazer a pesquisa, modos de ver, relacionados com metodologia, a saber, por exemplo: História Oral, História Serial, Biografia, Micro-História, História Quantitativa, sendo as **dimensões** aquelas relacionadas à vida humana, fatias da sociedade, embora, na realidade social, elas se encontram interligadas, quando geram campos específicos da historiografia, por exemplo, História da Cultura Material, História Política, História Cultural e **domínios** direcionados aos agentes históricos a serem examinados – a mulher, o marginal, o jovem, as massas anônimas e qualquer outro – nos espaços sociais – rural, urbano, vida privada – e aos objetos de estudo – arte, direito, religiosidade, sexualidade, o que podemos citar, como exemplos, História da Mulheres, História da Vida Privada, História da Sexualidade, História do Direito, História da Arte dispostos no campo histórico.

Outro autor que reforça o dito é Júlio Aróstegui,⁽⁶⁾ mesmo com as ressalvas por ele expostas no sentido que os historiadores necessitam se debruçar mais para o tratamento da temática, considerando “imperioso não esquecer a estreita relação, necessária e insubstituível, que em uma disciplina sempre liga a teoria, o método, e as técnicas”. Mediante elas, ele cita a qualitativa como técnica, inclusive pouco empregada, pois não mensura a construção dos dados, mas sim classificação e tipifica os dados em função de sua qualidade/característica. Logo, elas, ao classificarem, também descrevem variáveis de um determinado processo sem mensurá-las, pois cabe às técnicas as operações que realizam os historiadores dos fatos em dados, sendo o engate entre a realidade empírica e as evidências, para demonstração da hipótese proposta, e ratifica que elas são os elementos-chave na construção dos dados, portanto, operação de campo e prossegue com a classificação que veremos mais adiante.

Outro elemento interessante é o termo historiografia. Esse, apesar de parecer ser claro para alguns historiadores, é discutível, epistemologicamente. O termo requer posicionamentos e entendimentos de quem fala e de onde fala. Em outras palavras, o termo historiografia, para uma determinada linha de historiadores, tem por significação a história da história e, para outros, no mínimo, trata-se do resultado da pesquisa, o que também conduz, quando sinônimo, que a História não é uma ciência, mas trata-se de estudos cientificamente elaborados, pois em seus procedimentos não cabe arbitrariedade ao considerar, a partir do empírico, explicações contextualizadas e plausíveis, citado por José Jobson de Andrade Arruda ao fazer a apresentação da obra de Júlio Aróstegui⁽⁶⁾.

Isso coaduna com a passagem citada por Durval Muniz Albuquerque Júnior (2007, p. 33) ao relatar que, “a História é uma invenção do presente, embora ancorada nos signos deixados pelo passado. Passado que está longe de estar morto, de estar acabado, passado que é parte do próprio presente. No rio, como na História, águas passadas movem moinhos e destinos”. Pensar nessa perspectiva, é entender que o passado ficou lá e o que temos hoje são dados que possibilitam a construção de narrativas por verossimilhança.

Nesse aspecto, incluímos as reflexões e contribuições, denominadas de eixos, para, quiçá, a construção do domínio do campo histórico da enfermagem, a saber, em três: História das Instituições, História Oral e História da Cultura dos Cuidados. Esses foram organizados e pensados com resultado aplicado durante o I Simpósio Ibero-Americano de História da Enfermagem, ocorrido em São Paulo, em 2007, quando os pesquisadores do campo se encontraram para debates e discussões com os seus resultados, reflexões e contribuições, promovido pela Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo.

O resultado das apresentações gerou o produto, intitulado *Simpósio Ibero-Americano de História da Enfermagem: novas perspectivas da produção intelectual em história da enfermagem*⁽⁸⁾ e foi, anos mais tarde, desdobrado no editorial “Pesquisar história da enfermagem no Brasil: o que temos a dizer?”⁽⁹⁾, como possibilidade de organização do campo da história da enfermagem, a saber:

1. **História das Instituições** e/ou trajetória do ensino, da assistência e agremiações de Enfermagem ao reunir os movimentos sociais considerados no âmbito da formação profissional. Evoca a memória dos espaços da formação e do trabalho, sendo ele o eixo temático aglutinador das investigações de monta por diversos pesquisadores e grupos de pesquisa;

2. **História de Vida**, quando as biografias e memórias individuais de ilustres ou anônimos tornam-se o foco e visa-se, por elas, a versão e interpretação do desenvolvimento da profissão e dos cuidados prestados;
3. **Antropologia dos Cuidados**, também conhecida como Cultura dos Cuidados, é destinada à compreensão da reflexão sobre as ideias, ações e circunstâncias relacionadas à prática e às situações no processo das necessidades de saúde em diferentes contextos.

Como podemos identificar, trata-se de uma proposta no campo metodológico de organização das investigações que necessita ser aprofundada, mas aponta para aspectos interessantes que contribuem para os avanços na construção do conhecimento. Destacamos, também, que o eixo história oral já faz parte do domínio no campo histórico pelos historiadores. Isso implica se tratar de caminho organizativo para a enfermagem nas pesquisas em história da enfermagem.

TEMPORALIDADES NA PESQUISA HISTÓRICA

A cronologia na história apresenta balizas ou delimitações, que são convenções aplicadas pelos historiadores, que da mesma maneira que são feitas também podem ser desfeitas. Elas são montagens com finalidade da construção para a narrativa histórica⁽¹⁰⁾, que servem para a condução da análise do interior da pesquisa. Logo, entendemos como marcadores temporais, mesmo diante das suas (re)dobras para que seja possível aproximação do que ocorreu no passado, na produção de sentido a ser narrado.

Nessa perspectiva, as balizas, as delimitações, bem como suas (re)dobras isolam o fenômeno para o pesquisador, desde que ele não perca de vista as articulações e as circunstâncias do fenômeno a ser investigado. Isto implica que, para narrar as configurações, desenhos, relevos das camadas dos discursos sedimentados na memória em textos escritos e imagéticos, algumas relativizações são necessárias, pois a história trata-se de invenção com signos advindos do passado⁽¹⁰⁾.

Fernand Braudel, historiador francês conhecido pela sua obra mais importante, *Mediterrâneo do século XVI*, e por seus escritos sobre a história mundial da vida material e capitalismo, pertenceu ao grupo dos Annales. Ele investiu na busca das permanências e realidades duradouras no campo da história, por meio das longas durações, visando as relações humanas nas suas diversas formas de vida coletiva e civilizações, no entendimento de que “o passado lambuzo o tempo presente”⁽¹¹⁾.

O passado, ao lambuzar o presente, trazemos, em síntese, as concepções de Fernand Braudel⁽¹²⁾ sobre as durações do tempo. A primeira refere-se à curta duração, ou seja, direcionada ao tempo breve, ao indivíduo, ao evento. Ela se ocupa com os acontecimentos que (de)marcaram, cronologicamente, o percurso de quem a escreve (de)codificados em números, como, por exemplo, um dia, dias e alguns anos; a segunda, trata-se da média duração relacionada à conjuntura ao se expressar em algumas décadas; a terceira, destinada à longa duração compreendida em séculos, considerada por ele como estrutural⁽¹³⁾. Logo, entendê-las é a possibilidade de articulações da cultura e sociedade para a construção da narrativa histórica.

Entender a finalidade das balizas, delimitações, (re)dobras do tempo é atividade para além do aspecto numérico, que elas podem significar. São partes da aplicação do método histórico com suas dimensões, abordagens e domínios⁽⁷⁾ que refletem nos resultados da narrativa histórica.

FONTES E INSTRUMENTOS

O documento histórico, como fonte, e os conceitos que o definem constituem o processo de construção permanente que, por meio da subjetividade, pode criar diferentes versões e interpretações da história. Mesmo a ideia de fato histórico é mutante e, assim como a ideia de documento histórico, está relacionada a um diálogo entre o passado e o presente. Destaca-se, porém, que a ideia de diálogo se contrapõe à Escola

Metódica do século XIX que, após validação do documento, entendia esse como um retrato fidedigno do passado. Diálogo pressupõe avanço, um exercício de subjetividades⁽¹⁴⁾.

A partir do século XIX, o conceito de documento histórico é ampliado, com grande impulso da Escola dos Annales do início do século XX, onde o historiador deveria ser guiado por tudo que retratasse o humano, ampliando não apenas os campos da história, mas também a tipologia das fontes. Observa-se esgarçamento da ideia de documento histórico, para além da ideia de documento clássico, adicionando documentos iconográficos, arqueológicos e orais, com suportes libertos da ideia exclusiva de papel. Além disso, clamavam por uma mudança de postura dos historiadores, de meros leitores do conteúdo documental, para posturas analíticas, explicativas e críticas, sem deixar de considerar a formação histórica do pesquisador, seu lugar de fala e suas posturas ideológicas, que compõem sua subjetividade⁽¹⁴⁾.

A classificação das fontes orienta o pesquisador na escolha do material a ser analisado em seu estudo, buscando respostas para perguntas formuladas e a fim de atender os objetivos propostos. Ao longo dos tempos, houve várias classificações, cada uma com suas limitações semânticas ou materiais, a escolha deve buscar praticidade e clareza⁽¹⁵⁾.

Observa-se também mudança na ideia de “verdade” atribuída ao documento histórico. Na visão tradicional, o documento, após crítica de sua veracidade, era considerado válido em seu conteúdo, mas falsificações sempre existiram e foram alterando esse conceito. Carlos Ginzburg descreve que o método histórico se aproxima do trabalho de detetive ou de médico buscando desvendar o documento histórico⁽¹⁴⁾.

A quantidade documental também pode apresentar dificuldades de aprofundamento do tema ao historiador. Portanto, o estabelecimento de objetivos deve estar atrelado à delimitação temporal, ou do próprio tipo de documento. Sugere-se, ainda, a utilização de matrizes de análise, conforme o tipo de fonte utilizada, que podem colaborar significativamente para a organização dos dados. O uso de crítica interna e externa pode também ser aplicado⁽¹⁵⁾.

Em síntese, o documento histórico seria uma fonte sobre o passado, conservado de forma intencional, ou não, analisado pela visão do presente e seus nexos entre a subjetividade atual e do passado. Nesse sentido, está ligado ao momento histórico e à visão de determinada época, com existência relacionada ao meio social responsável pela sua conservação. Os limites impostos ao historiador são os próprios limites do documento, se por um lado ele pode ser dócil, por outro lado domina aquele que se submete à sua análise, na subjetividade sobreposta está o conhecimento sobre o passado. O documento em si é um personagem histórico, que carrega a beleza da contradição, da imprevisibilidade e as marcas das ações humanas⁽¹⁴⁾.

A utilização de estratégias como triangulação de fontes permite inferências e assertivas com menor probabilidade de erro, atribuindo maior longevidade ao estudo, podendo os dados serem contestados ou confirmados em estudos posteriores⁽¹⁵⁾.

No âmbito das pesquisas em história da enfermagem, identifica-se a utilização de ampla variedade de fontes iconográficas, orais, monumentos, documentos oficiais, jornais, entre outros, demonstrando uma aproximação da área com conceitos contemporâneos de documento histórico. Destaca-se, ainda, que a escolha da fonte está relacionada à perspectiva metodológica de trabalho e, também, a um campo específico da história. Nesse momento, objetiva-se destacar algumas experiências da produção em história da enfermagem, segundo alguns tipos de fonte.

ICONOGRAFIA

A iconografia está relacionada a imagens, aos processos e técnicas na sua produção, podendo ser fotografias ou outros tipos de impressão como publicações, desenhos, caricaturas, entre outros. Considerando as questões metodológicas para a análise de um tipo de iconografia, no caso, as fotografias, observa-se uma aproximação da área de história da enfermagem com os estudos de semiótica. Além disso, a bibliografia produzida sinaliza a fotografia como terreno fértil para estudos sobre visibilidade profissional.

No final da década de 1990, a Prof.^a Dr.^a Tânia Cristina Franco dos Santos defendeu tese de doutorado, intitulada *A câmera discreta e o olhar indiscreto: a persistência da liderança norte-americana no ensino da enfermagem na capital do Brasil (1928-1938)*, posteriormente publicada no livro *O poder simbólico da enfermagem norte-americana no ensino da enfermagem na capital do Distrito Federal (1928-1938)*⁽¹⁶⁾ tese tinha como massa documental prioritária fotografias⁽¹⁷⁾ que, por essa razão, chegou a ser nomeada como inovadora e inédita nos estudos de enfermagem⁽¹⁸⁾.

O pesquisador deve estar atento às representações de um tempo, traduzidas na imagem, e a pesquisa busca nos indivíduos e objetos a tradução desse tempo. O artigo intitulado “Aplicação da semiótica na análise de fac-símiles: pesquisa documental”, que buscou discutir análise semiótica, em estudos que utilizam a fotografia, trata-se de uma leitura importante aos iniciantes. Além disso, a triangulação da análise das fontes, com utilização de matriz de análise, na busca por verossimilhança, é uma interpretação do possível, que pode confrontar ou corroborar estudos prévios⁽¹⁹⁾.

Ainda nos estudos de história da enfermagem destacamos também as teses do Prof. Dr. Antonio José Almeida Filho, *A Escola Anna Nery (EAN) no “front” do campo da educação em enfermagem e o (re)alinhamento de posições de poder (1931-1949)*,⁽²⁰⁾ do Prof. Dr. Wellington Mendonça Amorim, *A reconfiguração da primeira escola de enfermagem brasileira: a missão de Maria de Castro Pamphiro, 1937-1949*,⁽²¹⁾ do Prof. Dr. Fernando Porto, intitulada *Os ritos institucionais e a imagem pública da enfermeira brasileira na imprensa ilustrada: o poder simbólico no click fotográfico (1919-1925)*⁽²²⁾. Assim como os artigos: *A prática do ensino na Escola de Enfermagem Alfredo Pinto: um registro da mídia impressa (1946)*⁽²³⁾ e *Rito católico e imagem da enfermeira (1957)*⁽²⁴⁾.

Algumas obras do âmbito da fotografia também precisam ser conhecidas pelo pesquisador como: Maria Ciavatta, *O mundo do trabalho em imagens: a fotografia como fonte histórica*⁽²⁵⁾. Mirian Moreira Leite e Bela Feldman-Bianco, *Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais*⁽²⁶⁾. Ana Maria Mauad de Sousa Andrade, *Sob o signo da imagem: a produção fotográfica e o controle dos códigos de representação social da classe dominante do Rio de Janeiro da primeira metade do século XX.*,⁽²⁷⁾ entre outros.

Ao longo de vários trabalhos, foram desenvolvidas matrizes de análises por pesquisadores de História da Enfermagem, que colaboram para esses estudos. O artigo “Aplicação da semiótica na análise de fac-símiles: uma pesquisa documental”⁽¹⁹⁾ mostra detalhadamente o exemplo de uma matriz fotográfica, desdobramento do estudo anterior de Porto⁽¹⁷⁾.

IMPrensa Escrita

A imprensa escrita é, ao mesmo tempo, objeto e sujeito na história de nosso país. Desde seus primórdios no Brasil de 1808, com o jornal *Correio Braziliense*, a imprensa escrita tem sido um importante meio de análise do passado, que registra parte importante da formação do país. Trata-se de uma história que muitas vezes se confunde entre os campos político, das instituições e da imprensa, através daqueles que detêm os jornais, revistas e outros meios impressos. Portanto, não há uma história da imprensa sem uma relação com a história política, econômica, social e cultural brasileira.⁽²⁸⁾ No âmbito da História da Enfermagem Brasileira, esse tipo de fonte tem sido amplamente investigado, com aproximações teóricas com história, sociologia e antropologia, assim como análises de sua composição do âmbito de diagramação.

Para Bourdieu, o *campo jornalístico* tem leis próprias e aplica recortes à realidade do que se acredita ser relevante para os leitores, aplicando, assim, uma censura à realidade. Além disso, estão envolvidos em disputas econômicas na busca por leitores e pelo furo jornalístico, o que por vezes segrega assuntos importantes à invisibilidade⁽²⁹⁾.

Dito isso, a pesquisa em história da enfermagem, com utilização da fonte da imprensa escrita, não pode se abster de analisar o campo jornalístico, as linhas editoriais, a política, economia e cultura da época como interface para análise de seus resultados. Novamente destaca-se a importância de recortes temporais,

geográficos, ou mesmo na escolha dos jornais e a justificativa da escolha, assim como a organização de dados por matrizes de análise. Alguns estudos sobre fontes iconográficas, já mencionados no item anterior, tiveram como fonte também o texto jornalístico. Os estudos atuais buscam análise de imagem profissional, visibilidade de eventos históricos da enfermagem na imprensa escrita, lutas pela visibilidade social da enfermagem, entre outros temas.

Podemos trazer alguns exemplos que utilizam teóricos, matrizes de análise e análise de diagramação, como as dissertações: *Fatos e fotos da enfermeira da Cruz Vermelha Brasileira no enfrentamento da gripe espanhola*;⁽³⁰⁾ *A visibilidade da criação da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo na imprensa escrita (1951)*;⁽³¹⁾ *Publicidade das instituições de saúde e a imagem pública da enfermeira brasileira nas páginas da Fon-Fon (1917-1930)*;⁽³²⁾ *Cruz Vermelha Brasileira, filial Ribeirão Preto e o curso de socorros urgentes*.⁽³³⁾ Além dos artigos: *Corpo e cuidado nas peças publicitárias do Jornal do Brasil (1891)*;⁽³⁴⁾ *Identidade profissional de enfermagem: uma perspectiva através das lentes da mídia impressa brasileira*.⁽³⁵⁾

FONTES ORAIS

A fonte oral apresenta uma trajetória de idas e vindas ao longo da história. Inicialmente destacam-se os historiadores gregos Heródoto e Tucídides, cujas narrativas se sustentavam na oralidade⁽³⁶⁾. No entanto, houve queda na credibilidade da fonte oral, com o avanço dos conceitos de documento histórico, cristalizado, principalmente no século XIX, a ideia de que os documentos oficiais eram a única fonte possível da história⁽³⁷⁾.

No século XX nova reviravolta, com o movimento francês da Escola dos Annales, oriunda da Revista *Annales D'histoire Economies et Sociales*, de criação de Lucien Febvre e Marc Bloch, e o esgarçamento do conceito de documento histórico, devolvendo nova vitalidade à oralidade, com estatuto de metodologia na História Oral. Além disso, o movimento buscava derrubar barreiras disciplinares.⁽³⁸⁾ Após a Segunda Guerra Mundial, a História Oral ganha modernidade na Universidade de Columbia, em Nova York, com Allan Nivins⁽³⁷⁾.

No Brasil, o uso da História Oral amplia-se com o Programa de História Oral da Fundação Getúlio Vargas, na década de 1970 e em 1994 com a fundação da Associação Brasileira de História Oral⁽³⁹⁾. Mesmo com avanços, a História Oral ainda sofre duras críticas pelo avanço da produção não representar avanço teórico, demandando análises teórico-metodológicas mais robustas e inovadoras⁽⁴⁰⁾.

Em 2010, Oguisso, Freitas e Campos organizam o livro *Pesquisa em História da Enfermagem*, que contou com a participação de vários membros da diretoria da Academia Brasileira de História da Enfermagem (ABRA-DHENF). Além de ser referência para a leitura de possibilidades de estudos de História da Enfermagem com diferentes fontes, apresenta um capítulo de Luchesi e Lopes, intitulado "História Oral", que se propôs a ser leitura voltada para os estudantes, com vários exemplos práticos⁽⁴¹⁾. Os estudos com fontes orais, no âmbito da História da Enfermagem, em geral, têm se debruçado sob a leitura teórica e metodológica de alguns autores da história como: Le Goff,⁽³⁸⁾ Thompson,⁽⁴²⁾ Meihy e Holanda,⁽⁴⁰⁾ Meihy e Ribeiro,⁽⁴³⁾ Alberti,⁽³⁶⁾ entre outros.

Destaca-se, ainda, que o uso de fontes orais não implica em renúncia dos documentos escritos, pelo contrário, algumas modalidades de História Oral incentivam a triangulação de fontes orais e escritas, na busca pela comparação entre os sentidos da memória e a história oficial. Outro ponto importante é que a história oral está imbricada aos significados da memória vividos por indivíduos, em face de um evento ou tempo, de dar voz a partes da história pouco valorizadas, invisíveis ou silenciadas pela história oficial.

Em sua maioria, os estudos em história oral não têm a pretensão de apresentação de verdades, pois a própria memória pode fazer organizar versões de nossa vivência, esquecimentos e destaques propositais. No âmbito do cuidado de enfermagem, estudos em história oral podem proporcionar melhorias dos cuidados, a partir da visão de seus usuários, dar voz a minorias sociais e suas lutas diárias e até da própria enfermagem enquanto profissão. Além disso, os estudos em história oral produzem novos documentos históricos e por isso precisam estar comprometidos com a socialização da memória, através da doação posterior, se autorizado pelos entrevistados à arquivos da enfermagem, multiplicando as potencialidades de estudo.

Alguns estudos acadêmicos onde foi utilizada história oral podem ser exemplificados aqui: *A enfermeira Anna Nery no "Pais do Futuro": a aventura da luta contra a tuberculose*,⁽⁴⁴⁾ *Grupamento feminino de enfermagem do exército inserida na FEB: uma análise sobre o olhar fotográfico (1942-1944)*,⁽⁴⁵⁾ *Cotidiano das alunas pioneiras da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto: 1953-1957*. 2014⁽⁴⁶⁾ e o artigo *Conhecendo história oral: uma experiência para a enfermagem*⁽⁴⁷⁾.

ACERVOS PARA A PESQUISA EM HISTÓRIA DA ENFERMAGEM

Muitos estudos históricos se deparam com dificuldades de localização de fontes, muitas vezes provocadas por uma cultura ainda pouco difundida na Enfermagem de preservação da memória e do patrimônio. Muito da história da enfermagem se perdeu em reformas e na dificuldade de se entender o valor da memória para a construção da identidade profissional.

Destaca-se, ainda, o Estado como grande produtor de documentos históricos ditos "oficiais" e de sua organização e preservação, ou seja, muitas das atividades de conservação e organização documental são desempenhadas pelo Estado⁽¹⁴⁾.

Por outro lado, observa-se, a partir de fins da década de 1980, no Brasil, o início da organização de acervos de enfermagem, com a intenção de preservar memórias institucionais e da profissão. Entretanto, muitas vezes são frágeis os conhecimentos de áreas como arquivologia, museologia, biblioteconomia e conservação preventiva, demandando trabalhos interdisciplinares.

O objeto de estudo vai determinar o tipo de fonte e onde localizá-la. Por exemplo, estudos sobre história institucional muitas vezes estão atrelados à presença de um arquivo permanente organizado e em boas condições de preservação, o que não é a realidade da maioria das instituições. Documentos administrativos como ofícios, atas de congregação e outros colegiados, documentos interinstitucionais, entre outros, podem constituir pontos de partida importantes. Se a instituição está ligada a uma universidade, arquivos centrais geralmente guardam processos de criação, contratação docente, ofícios importantes da instituição para a universidade, além de atas de seus colegiados centrais, como os conselhos universitários, por exemplo.

Deve-se destacar que documentos oficiais contam um tipo de história, uma história oficial, deixando à margem muitos acontecimentos passados que, de forma isolada, se aproximam da visão da história dita positivista, muito criticada na busca de novos olhares para a história. A maioria desses acervos não está organizada em bancos de dados, nem digitalizada e o tempo do pesquisador precisa ser otimizado, portanto, o investimento em manuseio de câmeras profissionais, ou *scanners* de alta resolução, pode ser uma estratégia necessária, pois muitas vezes esses documentos podem ser acessados uma única vez.

Outro aspecto relevante é que documentos guardados por décadas, muitas vezes em más condições de conservação, podem representar risco para a saúde dos pesquisadores. Nesse sentido, torna-se fundamental o uso de equipamentos de proteção individual, que perpassa pelo conhecimento básico de conservação preventiva. As mãos humanas são o maior risco de deterioração para as fontes, portanto, envia esforços para a realização da conservação preventiva e digitalização, evitando o manuseio de fontes é fundamental.

No caso de instituições que perderam seus arquivos, uma boa iniciativa é buscar egressos, ex-funcionários, docentes e ex-dirigentes para construção de um banco de dados de história oral, busca em jornais municipais e estaduais. Pode-se, ainda, realizar atividades de doações para constituição de acervo como fotografias, textos, indumentária, entre outros. No âmbito da enfermagem, destacam-se algumas instituições que conseguiram organizar acervos históricos, com potencialidades imensas para estudos em história da enfermagem, por vezes pouco explorados.

Considerando um contexto cronológico, a primeira menção de institucionalização de um acervo refere-se ao **Centro de Memória da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto-USP** (CEMEERP-USP), criado em 1988, na gestão da Prof.^a Dr.^a Emília Luígia Saporiti Angerami, em virtude do aniversário de 35 anos da EERP-USP. A

Portaria D/EERP-18/89 estabelece uma comissão responsável para início dos trabalhos com assessoria e/ou treinamentos de docentes do Instituto de Estudos Brasileiros/USP, do Centro de Memória da Unicamp e Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro,⁽⁴⁸⁻⁴⁹⁾ tendo sua abertura oficial no dia 5 de março de 1990, mas com muitas dificuldades ao longo de sua trajetória até o ano de 1999, quando iniciativas para sensibilização da comunidade, impulsionadas pelos dirigentes, com treinamentos e ação de voluntários foram propiciando encaminhamento de projetos e desenvolvimento do acervo. Hoje o acervo conta com espaço moderno, com digitalização de parte de seu acervo fotográfico constituído por mais de 15.000 itens, arquivo de História Oral, arquivo bibliográfico, arquivo de som e vídeo, mobiliário, peças e objetos referentes à história institucional e da enfermagem, e está aberto a pesquisadores⁽⁵⁰⁻⁵¹⁾. Pode-se também visitar virtualmente o acervo pela sua página no Facebook <https://web.facebook.com/cemeerp>. A maior parte da produção de pesquisa desse acervo está ligada ao trabalho do Laboratório de Estudos em História da Enfermagem (LAESHE), criado em 2009 (<https://www.facebook.com/llaeshe>).

Em 1992, houve a criação do **Centro Histórico-Cultural da Enfermagem Ibero-Americana, da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo – EE-USP**, na cidade de São Paulo. Observa-se que o aniversário da instituição (jubileu de ouro) também foi cenário para a criação desse acervo, assim como o da EERP-USP anos antes⁽⁵²⁾. O acervo apresenta hoje um espaço moderno, com mobiliários e utensílios de época, indumentárias, objetos, fontes imagéticas, documentais, jornalísticas, entre outras, com abertura para pesquisadores (<http://www.ee.usp.br/site/index.php/paginas/mostrar/1168/1917>).

O **Centro de Documentação da Escola de Enfermagem Anna Nery – UFRJ** foi inaugurado em 8 de dezembro de 1993, que também se concretizava em ambiente festivo, com a primeira tese em história da enfermagem da instituição e a criação do Núcleo de Pesquisa de História da Enfermagem Brasileira (Nuphebras). Entretanto, esse acervo estava em processo de organização desde a década de 1960⁽⁵³⁾. Hoje denominado Museu da Escola de Enfermagem Anna Nery e Centro de Documentação, localizado no Rio de Janeiro, pode ser contactado na página <http://eean.ufrj.br/index.php/123-museu-da-escola-de-enfermagem-anna-nery-e-centro-de-documentacao>, com vídeo institucional em seu canal do Youtube <https://www.youtube.com/watch?v=6FJZY4HcDvl>. Acervo aberto a pesquisadores.

O **Núcleo de Memória da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia (UFBA)** foi criado em 1997, compondo as comemorações do Jubileu de ouro da instituição, o acervo é constituído de fontes iconográficas, utensílios, mobiliário, instrumentos de laboratório e objetos litúrgicos, mas houve descontinuidade das atividades, com retomada no ano 2002, com o estabelecimento de uma comissão e parcerias com o Departamento de Museologia e das Pró-Reitorias de Extensão e Assistência Estudantil/Programa Permanecer, designado como um museu universitário em 2009, quando foi vinculado ao Sistema de Museus da UFBA, com espaço para exposição permanente, recepção de visitantes e reserva técnica⁽⁵⁴⁾.

O **Centro de Memória Dr.^a Nalva Pereira Caldas, da Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ**, de junho de 1998, foi também concebido em jubileu de ouro institucional, mas sua organização remonta ao ano de 1995⁽⁵⁵⁾. O acervo é aberto a pesquisadores. Vídeo institucional sobre o acervo pode ser localizado em <https://www.youtube.com/watch?v=SkFL8JbNFGk>.

Na década passada, destacam-se mais seis acervos institucionalizados. Em 2006, o **Arquivo Setorial Enfermeira Maria de Castro Pamphiro, da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto (EEAP-Unirio)** possui rica documentação que data do século XIX e que remete à primeira escola de enfermagem do país, que completou 130 anos em 2020 (<http://www2.unirio.br/unirio/arqcent/sobre/idades-de-arquivo-e-protocolo/unidade-de-arquivo-e-protocolo-setorial-da-escola-de-enfermagem-alfredo-pinto-uaps-eeap>). Sua criação está vinculada a grupos de pesquisa em história da enfermagem na instituição. Hoje a instituição se destaca com três laboratórios: o Laboratório de Pesquisa em História da Enfermagem (LAPHE), de 2000; o Laboratório de Abordagens Científicas na História da Enfermagem (Lacenf), de 2006 e; o Laboratório de História do Cuidado e Imagem em Enfermagem (LACUIDEN), de 2013.

Em 2006, também foi inaugurado o **Centro de Memória da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)** (<https://www.ufmg.br/rededemuseus/cemenf/>), mas seu início de concepção e organização remete aos anos de 1980 a 1994⁽⁵⁶⁾.

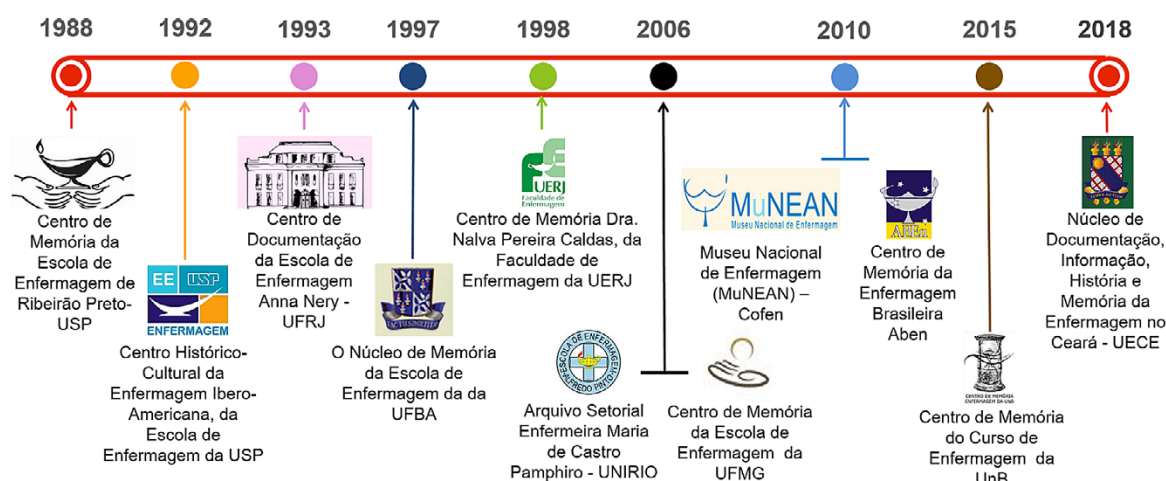
O **Centro de Memória da Enfermagem Brasileira, da Associação Brasileira de Enfermagem** inaugurado em 4 de agosto de 2010, na sede da ABEn Nacional, em Brasília/Distrito Federal, por meio da colaboração de diversas gestões, devido ao entendimento de herança material e simbólica com, aproximadamente, 170 metros lineares de documentos textuais compreendido no período de 1926 a 2019⁽⁵⁷⁾.

O **Museu Nacional de Enfermagem (MuNEAN)** (<http://munean.cofen.gov.br>), fundado em 2010, pelo Conselho Federal de Enfermagem, merece destaque como o museu mais moderno da enfermagem brasileira na atualidade e que contempla a história profissional e dos conselhos de Enfermagem. Possui em seu acervo fontes de história oral, documental, audiovisual, instrumental, indumentária e promove exposições itinerantes em todo o Brasil. As instituições podem solicitar, de forma gratuita, o envio de exposições itinerantes às suas cidades. O MuNEAN teve a retomada de suas atividades em 2017, em prédio próprio, em pleno pelourinho em Salvador, com atividades de visitas e aberto para pesquisas⁽⁵⁸⁾.

O **Centro de Memória do Curso de Enfermagem da Universidade de Brasília (UnB)** (http://fs.unb.br/index.php?option=com_content&view=article&id=59&Itemid=736) foi criado em 2015, no aniversário de 40 anos da instituição, com projeto de extensão de um acervo virtual, em virtude da dificuldade de manutenção de um espaço físico próprio. Em 2016, o projeto levou à criação do Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Enfermagem (GEPHENf), com a intenção de que o projeto tivesse frutos no âmbito da pesquisa. O acervo é composto por fontes documentais, audiovisuais, iconográficas e bibliográficas⁽⁵⁹⁾.

Mais recentemente houve a inauguração do **Núcleo de Documentação, Informação, História e Memória da Enfermagem no Ceará (NUDHIMEN)**, localizado no Centro de Educação (CED) da Universidade Estadual do Ceará (UECE), em Fortaleza, em 29 de maio de 2018, comemorando 75 anos do primeiro curso de Enfermagem do Ceará, Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo, criada em 1943, incorporada à UECE em 1975. O acervo foi organizado e contou também com doações, composto por instrumentos, indumentária, material iconográfico, entre outros, cuja organização inicial também esteve relacionada ao jubileu de ouro institucional, mas concretizado apenas 25 anos depois⁽⁶⁰⁾.

Figura 1 – Linha do tempo dos acervos institucionais localizados. Ribeirão Preto, 2020.



Fonte: Dados dos sites das instituições. Figura criada pelos autores usando template da Allppt.com

Arquivos gerais, municipais, estaduais ou nacionais representam vasto e rico campo para a pesquisa em história da enfermagem e alguns possuem acervo digital como a Biblioteca Nacional (<https://www.bn.gov.br/>), Casa de Oswaldo Cruz (<http://www.coc.fiocruz.br/index.php/pt/>), Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), da Fundação Getúlio Vargas (<https://cpdoc.fgv.br/>), todas situadas no Rio de Janeiro e Arquivo Público do Estado de São Paulo (<http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/>), além dos Arquivos da Cruz Vermelha Brasileira (<http://www.cruzvermelha.org.br/>), Seção São Paulo e Seção Rio de Janeiro que, entre muitos outros acervos, oferecem vasta documentação.

Um destaque importante é que apenas seis museus e/ou acervos da enfermagem brasileira estão cadastrados na plataforma de museus brasileiros Museusbr (<http://museus.cultura.gov.br/>), que amplia significativamente a visibilidade do acervo, visitantes e pesquisas. Nesse sentido, recomendamos fortemente o cadastro dos acervos nessa plataforma, incluindo imagens.

Outro aspecto que permeia muitos dos acervos de enfermagem é que suas criações se dão no momento de jubileus e/ou comemorações institucionais com, possivelmente, a ideia de história enquanto relíquia do passado, algo como um objeto de decoração, por vezes pensado como obrigatório, protocolar, no âmbito dos jubileus. Afinal, não se analisa o conjunto de anos de trabalho sem uma análise crítica do passado, é preciso dar certa visibilidade ao conjunto da historiografia institucional, para validar socialmente a continuidade da existência da instituição. Por isso, não é incomum que acervos tenham períodos de inatividade, ou sejam fechados.

O acervo institucional precisa ser projeto da comunidade envolvida na instituição, e não algo para um breve corte fotográfico no tempo. A história consolida a identidade profissional e os acervos, se atrelados à pesquisa, podem trazer como frutos análises importantes sobre os modos de ser e fazer da instituição, sugerindo continuidades, rupturas e inovações. É preciso atualizar e fortalecer as concepções sobre a história na formação do enfermeiro. Nesse sentido, o acervo é também espaço de ensino, patrimônio, memória, cidadania, pesquisa e extensão. Muitas versões da história aguardam serem escritas nesses acervos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho objetivou trazer discussões sobre os campos da história e suas possibilidades aplicadas à pesquisa em história da enfermagem, seja por suas considerações teórico-metodológicas, tipos de fontes e as mudanças conceituais de documento histórico e suas aplicabilidades, seja como indicação de leituras importantes para o pesquisador interessado na temática, no campo da história e na historiografia da pesquisa em história da enfermagem. Destacamos, ainda, a importância da organização e valorização dos acervos que narram a história do cuidado.

O que se observou foi que os estudos em história da enfermagem têm realizado aproximações importantes com o campo da história, visando dar legitimidade às suas discussões teórico-metodológicas. Nesta perspectiva, devemos destacar que, ao longo da história da pesquisa em história da enfermagem, houve críticas de historiadores sobre às metodologias utilizadas pelos enfermeiros e, por outro lado, pares nossos criticavam a visão de historiadores sobre a enfermagem.

Parece-nos que esse conflito acadêmico se tem amenizado através de estudos interdisciplinares, os quais as perspectivas contemporâneas da história tanto recomendam. Observa-se que eles apresentam avanços significativos para novos olhares da profissão de enfermagem e sua construção social, um olhar sobre a enfermagem interligada à história, antropologia, sociologia, biblioteconomia, arquivologia, museologia, entre outros.

Alguns pesquisadores seguiram nesse direcionamento, enquanto outros estão em busca de vislumbrar a história através da formação acadêmica nessa área. Já temos enfermeiros ligados à pesquisa em história da enfermagem que completaram seus estudos de graduação em história, trazendo cada vez mais discussões temáticas para seus grupos de pesquisa e ampliando as parcerias interdisciplinares que contribuem para o avanço das pesquisas, destacando mais uma vez a necessidade de escritas teóricas e debates historiográficos para melhor alicerçar as pesquisas. É preciso construir o domínio da História da Enfermagem no campo da

história, assim como já existe o domínio da história do direito ou das mulheres, pois a massa de estudos na área já tem possibilitado inclusive estudos de revisão sistemática, bem como investimento nos intérpretes dessa trajetória.

O presente trabalho não tem objetivo ou condições de ser um trabalho finalizado, pelas muitas interfaces que esse tema apresenta e que não podem ser esgotadas em uma única escrita. As lacunas aqui apresentadas devem representar questionamentos e direcionamentos para novos estudos.

REFERÊNCIAS

1. Cardoso CF, Vainfas R. Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia. 2 ed. Rio de Janeiro: Elsevier; 2011.
2. Cardoso CF, Vainfas R. Novos domínios da história. Rio de Janeiro: Elsevier; 2012.
3. Parada M. Os historiadores clássicos da história: volume 1 de Heródoto a Humboldt. Petrópolis: Vozes: PUC-Rio; 2012.
4. Parada M. Os historiadores clássicos da história: volume 2 de Tocqueville a Thompson. Petrópolis: Vozes: PUC-Rio; 2013.
5. Parada M. Os historiadores clássicos da história: volume 3 de Ricoeur a Chartier. Petrópolis: Vozes: PUC-Rio; 2014.
6. Aróstegui J. A Pesquisa Histórica: teoria e método. Bauru: Edusc; 2006.
7. Barros JA. O campo da história: especialidades e abordagens. Petrópolis: Vozes; 2004.
8. Moreira A, Porto F, Freitas GF, Campos PFS. Simpósio Ibero-Americano de História da Enfermagem: novas perspectivas da produção intelectual em história da enfermagem. Rev Esc Enferm USP. 2009;43(spe2):1358-63. <https://doi.org/10.1590/S0080-62342009000600037>
9. Porto F. Researching nursing history in Brazil: what do we have to say? Online Braz J Nurs [Internet]. 2017[cited 2021 Apr 11];16(1):1-5. Available from: http://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/article/view/5913/html_1
10. Albuquerque Jr DM. História – a arte de inventar o passado: ensaios de teoria da história. Bauru: Edusc; 2007.
11. Lima LC. Fernand Braudel (1902-1985). In: Parada M, organizador. Os historiadores: clássicos da história de Tocqueville a Thompson. Petrópolis: Vozes: PUC-Rio; 2013. p. 278-99.
12. Braudel F. História e Ciências Sociais: a longa duração. In: Braudel F. Escritos sobre a História. Guinburg J, Mota TCS. São Paulo: Perspectiva; 2007. p. 41-78.
13. Mello RM. As três durações de Fernand Braudel no Ensino de História: proposta de atividade. Rev Hist Hoje. 2017;6(11):237-54. <https://doi.org/10.20949/rhj.v6i11.330>
14. Karnal L, Tatsch FG. A memória evanescente. In: Pinsky CB, Luca TR. O historiador e suas fontes. São Paulo: Contexto; 2013. p. 9-28.
15. Porto F, Freitas GF, Gonzalez JS. Fontes Históricas e Ético-Legais: Possibilidades e Inovações. Cult Cuid. 2009;25(1):46-53. <https://doi.org/10.14198/cuid.2009.25.07>
16. Santos TCF. A Câmera Discreta e o Olhar Indiscreto: A Persistência da Liderança Norte-Americana no Ensino da Enfermagem na Capital do Brasil (1928-1938) [Tese]. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Enfermagem Anna Nery; 1998.
17. Porto F. Os ritos institucionais e a imagem pública da enfermeira brasileira na imprensa ilustrada: o poder simbólico no click fotográfico (1919-1925) [Tese]. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Enfermagem Anna Nery; 2007.
18. Santos TCF, Barreira IA. O Poder Simbólico da Enfermagem Norte-Americana no ensino da Enfermagem na Capital do Brasil (1928-1938) [Tese]. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Enfermagem Anna Nery; 2002.
19. Oliveira Neto M, Porto FR, Nascimento SA. Application of semiotics in the analysis of facsimiles: a documentary research. Online Braz J Nurs. 2012;11(3):848-64. <https://doi.org/10.5935/1676-4285.20120056>.
20. Almeida Filho AJ. A Escola Anna Nery (EAN) no “front” do campo da educação em enfermagem e o (re)alinhamento de posições de poder (1931-1949) [Tese]. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Enfermagem Anna Nery; 2004.
21. Amorim WM. A reconfiguração da primeira escola de enfermagem brasileira: a missão de Maria de Castro Pamphiro, 1937-1949 [Tese]. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Enfermagem Anna Nery; 2006.

22. Porto F. Os ritos institucionais e a imagem pública da enfermeira brasileira na imprensa ilustrada: o poder simbólico no click fotográfico (1919-1925)[Tese]. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Enfermagem Anna Nery; 2007.
23. Porto F, Moreira A, Silva Júnior OC, Oliveira DP. A prática do ensino na Escola de Enfermagem Alfredo Pinto: um registro da mídia impressa (1946). *Rev Bras Enferm.* 2003;56(6):707-11. <https://doi.org/10.1590/S0034-71672003000600025>
24. Simiele MF, Barizon-Luchesi L, Porto F, Oliveira-Sousa T, Silva-Santiago E, Aguiar S. Rito católico e imagem da enfermeira (1957). *Aquichan, Bogotá.* 2014;14(1):109-18. <https://doi.org/10.5294/aqui.2014.14.1.9>
25. Ciavatta M. O mundo do trabalho em imagens: a fotografia como fonte histórica. Rio de Janeiro: DP&A; 2002.
26. Leite MML, Bianco BF. Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais. Campinas: Papirus; 1998.
27. Andrade AMMS. Sob o signo da imagem: a produção fotográfica e o controle dos códigos de representação social da classe dominante do Rio de Janeiro da primeira metade do século XX. [Dissertação]. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, Centro de Estudos Gerais, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia; 1990.
28. Martins AL, Luca TR. Introdução: pelos caminhos da Imprensa no Brasil. In: Martins AL, Luca TR. *História da Imprensa no Brasil.* São Paulo: Contexto; 2018. p. 7-20.
29. Bourdieu P. Sobre a televisão. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 1997.
30. Coury AF. Fatos e fotos da enfermeira da Cruz Vermelha Brasileira no enfrentamento da gripe espanhola[Dissertação]. Rio de Janeiro Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Escola de Enfermagem Alfredo Pinto; 2010.
31. Marcussi E. A visibilidade da criação da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo na imprensa escrita (1951)[Dissertação]. Universidade de São Paulo, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto; 2012.
32. Veraldo TX. Publicidade das instituições de saúde e a imagem pública da enfermeira brasileira nas páginas da Fon-Fon (1917-1930)[Dissertação]. Rio de Janeiro Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Escola de Enfermagem Alfredo Pinto; 2013.
33. Mazziero AS. Cruz Vermelha Brasileira, filial Ribeirão Preto e o curso de socorros urgentes [Dissertação]. Universidade de São Paulo, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto; 2018.
34. Nassar PRB, Trigueiro da Silva KF, Nascimento SA, Neto M, Porto F. Corpo e cuidado nas peças publicitárias do *Jornal do Brasil* (1891). *Rev Enferm UERJ.* 2016;24(4):e17365. <https://doi.org/10.12957/reuerj.2016.17365>
35. Silva AR, Padilha MI, Backes VMS, Carvalho JB. Identidade profissional de enfermagem: uma perspectiva através das lentes da mídia impressa brasileira. *Esc Anna Nery.* 2018;22(4):e20180182. <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2018-0182>
36. Alberti V. *Manual de História Oral.* 3. ed. Rio de Janeiro: FGV; 2013.
37. Meihy JCS. *Manual de História Oral.* São Paulo: Loyola; 2005.
38. Le Goff J. *A História Nova.* 5. ed. São Paulo: Martins Fontes; 2005.
39. Ferreira MM, Amado J. (Org.). *Usos e abusos da História Oral.* 8. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas; 2006.
40. Meihy JCSB, Holanda F. *História oral: como fazer, como pensar.* São Paulo: Contexto; 2007.
41. Luchesi LB, Lopes GT. *História Oral.* In: Oguisso T, Freitas GF, Campos PFS, organizadores. *Pesquisa em História da Enfermagem.* São Paulo: Manole; 2010. p. 401-456.
42. Thompson P. *A voz do passado: história oral.* 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1992.
43. Meihy JCSB, Ribeiro SLS. *Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, família.* São Paulo: Contexto; 2019.
44. Barreira IA. A enfermeira Anna Nery no "Pais do Futuro": a aventura da luta contra a tuberculose[Tese]. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Enfermagem Anna Nery; 1993.
45. Bernardes MMR. Grupamento feminino de enfermagem do exército inserida na FEB: uma análise sobre o olhar fotográfico (1942-1944)[Dissertação]. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Enfermagem; 2003.
46. Sousa TO. *Cotidiano das alunas pioneiras da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto: 1953-1957[Dissertação].* Universidade de São Paulo, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto; 2014.
47. Silva CA, Almeida LCG. Conhecendo história oral: uma experiência para a enfermagem. *Rev Enferm UERJ.* 2005;13(1):97-101.

48. Lomônaco NV, Steagall Gomes DL, Correia FA, Fram MJC. Centro de Memória da EERP (CEMEERP): folder institucional. Centro de Memória: Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP; 1990.1 p.
49. Universidade de São Paulo. Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto. Ata da 2ª. Reunião da Comissão de Memória Histórica. Ribeirão Preto (SP), 1989.
50. Luchesi LB, Mendes IAC, Luis MAV, Toyoko S. Redescobrimo o Centro de Memória da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto: relato de experiência. *Esc Anna Nery*. 2006;10(3):565-71. <https://doi.org/10.1590/S1414-81452006000300029>
51. Luchesi LB, Oliva MEF, Saeki T, Luis MAV, Mendes IAC. Resgate Histórico e Cidadania: manutenção do patrimônio material e imaterial da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - USP. *Rev Cult Ext USP*. 2011;6:43-50. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9060.v6i0p43-50>
52. Oguisso T. Memória e história: Centro Histórico-Cultural da Enfermagem Ibero-Americana. *Esc Anna Nery Rev Enferm [Internet]*. 2000 [citado em 11 abr 2021];4(3):359-67. Disponível em: <https://cdn.publisher.gn1.link/eean.edu.br/pdf/v4n3a09.pdf>
53. Sauthier J. Memória e história: O Centro de Documentação da Escola de Enfermagem Anna Nery. *Esc Anna Nery [Internet]*. 2000 [cited 2021 Apr 20];4(3):339-46. Available from: <https://cdn.publisher.gn1.link/eean.edu.br/pdf/v4n3a07.pdf>
54. Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia. Núcleo de Memória [Internet]. 2010 [cited 2021 Apr 20]. Available from: <http://www.enfermagem.ufba.br/index.php?nucleodememoria>
55. Caldas NP. A experiência da criação do Centro de Memória da Faculdade de Enfermagem da UERJ. *Esc Anna Nery [Internet]*. 2000 [cited 2021 Apr 20];4(3):347-57. Available from: <https://cdn.publisher.gn1.link/eean.edu.br/pdf/v4n3a08.pdf>
56. Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais. Centro de Memória da Escola de Enfermagem. História[cited 2021 Apr 20]. Available from: https://www.ufmg.br/rededemuseum/cemenf/?page_id=3
57. Santos TCF. A ABEn e a preservação da memória profissional: implantação do Centro de Memória da Enfermagem Brasileira. *Rev Bras Enferm*. 2013;66(esp):165-70. <https://doi.org/10.1590/S0034-71672013000700021>
58. Muneam. Um museu sobre uma profissão [Internet]. [SD][cited 2021 Apr 20]. Available from: <http://muneam.cofen.gov.br/sobre/>
59. Miranda GN, Reys N, Santos WF, Faustino AM. Centro de memória virtual do departamento de enfermagem da universidade de Brasília: relato de experiência sobre a salvaguarda dos documentos e a construção de uma história. *Braz J Develop*. 2020;6(8):57252-66. <https://doi.org/10.34117/bjdv6n8-218>
60. Universidade Estadual do Ceará. Núcleo de Documentação e História da Enfermagem é oficialmente inaugurado na UECE: 30 maio 2018[Internet]. 2018[cited 2021 Apr 20]. Available from: <http://www.uece.br/noticias/nucleo-de-documentacao-e-historia-da-enfermagem-e-oficialmente-inaugurado-na-uece>